

A PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DE ÉMILE BENVENISTE: DESLOCAMENTOS PARA OS ESTUDOS TEXTUAIS

Raquel Veit Holme

Submetido em 06 de junho de 2018.

Aceito para publicação em 27 de agosto de 2018.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 56, mês de novembro. p. 118-130

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Quinta-feira, 22 de novembro de 2018.

A PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DE ÉMILE BENVENISTE: DESLOCAMENTOS PARA OS ESTUDOS TEXTUAIS

THE ENUNCIATIVE PERSPECTIVE OF ÉMILE BENVENISTE: DISPLACEMENTS FOR TEXTUAL STUDIES

Raquel Veit Holme*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar o modo como as pesquisas centradas em texto deslocam os princípios enunciativos da perspectiva de linguagem de Émile Benveniste para os seus estudos. Para tanto, parte-se do seu texto balizador da noção de enunciação, “O aparelho formal da enunciação”, com o intuito de apresentar os aspectos enunciativos e as questões relacionadas à passagem da língua ao discurso via ato enunciativo, para evidenciar como as investigações relacionadas ao texto exploram as potencialidades teóricas, metodológicas e analíticas da enunciação nas abordagens propostas. Para isso, são verificados estudos que propõem as noções de texto e leitura, e que apresentam princípios enunciativos para análises textuais.

PALAVRAS-CHAVE: enunciação; análise textual; princípios metodológicos.

ABSTRACT: This article intends to present the way in which the researches focused on text displace the enunciative principles of Émile Benveniste's language perspective to its studies. For this, we start from his seminal text on the notion of enunciation, "The formal apparatus of enunciation", in order to present the enunciative aspects and the questions related to the passage from language to discourse through the enunciative act. We want to highlight how the investigations related to text explore the theoretical, methodological and analytical potentialities of enunciation in the proposed approaches. For this, we verified studies that propose the notions of text and reading, and that present enunciative principles for textual analyzes.

KEYWORDS: enunciation; textual analysis; methodological principles.

1. Introdução

Muitos trabalhos que têm como objetivo a análise do ato da leitura e a análise do texto já foram publicados. Diversas são as bases teóricas que servem de esteio na proposição de princípios metodológicos para tais análises, algumas inclusive com uma representatividade grande no meio acadêmico. Não discordamos dessas vozes, porém, neste artigo, visamos a investigar como um viés mais recente no Brasil, se comparado à Linguística Textual, propõe análises de texto: a perspectiva enunciativa de vertente benvenistiana.

* Professora Assistente de Língua Portuguesa da UERGS e aluna de doutorado de Letras da UFRGS.
raquelveit@hotmail.com

Eleger uma teoria enunciativa como embasamento teórico de fenômenos linguísticos significa nos voltarmos a algo que é da ordem do irrepitível, característica de toda a enunciação. Implica entender que a língua é atualizada à medida que é colocada em funcionamento por um *ato individual de utilização*. Se cada enunciado/discurso, produto de uma enunciação, é único e irrepitível, é possível que as ocorrências no *corpus* selecionado para análise sejam inesgotáveis, abrindo um leque enorme de possibilidades analíticas. Mas se há a possibilidade de o *corpus* ser único, assim também deverá ser a metodologia de análise. O analista também está submetido à singularidade da enunciação. Portanto, sua análise é da ordem da irrepitibilidade. Na verdade, na teoria da enunciação, não há um método acabado, pronto para ser utilizado e que sirva de modelo para ser replicado em outros estudos. Com isso, queremos dizer que as análises enunciativas são, de certa forma, decorrentes de uma proposta metodológica singular que não tem a pretensão da universalidade e, por isso, confere uma amplitude que possibilita a criação de novas formas de ver o resultado do ato enunciativo, aqui considerado como texto.

Para emprendermos nosso objetivo, qual seja, a investigação de como os estudos enunciativos benvenistianos propõem análises textuais, dividimos este artigo em três partes. Na primeira, tratamos de um texto considerado um dos mais importantes da teoria de Émile Benveniste, *O aparelho formal da enunciação*. Essa escolha se deve não somente ao fato de esse texto retomar e especificar elementos que esclarecem questões referentes à problemática da enunciação, mas sobretudo porque vislumbramos nele uma possibilidade de um percurso metodológico apresentado por Benveniste para análise dos fenômenos linguísticos. Na segunda parte, expomos alguns estudos que operam deslocamentos da teoria benvenistiana tanto para as análises textuais, quanto para a análise da leitura como um ato de constituição de sentidos. E na terceira, apresentamos uma reflexão final, em que introduzimos os princípios, os aspectos e elementos enunciativos principais deslocados para os estudos do texto e da leitura, conforme observamos em quatro investigações.

2. O aparelho formal da enunciação: formas e procedimentos para a constituição de sentido

Nos textos em que Benveniste estuda a enunciação não nos parece que o autor esteja particularmente interessado em apresentar, de uma forma geral, modelos acabados, métodos específicos de análise, tampouco um conjunto coeso de proposições teórico-metodológicas. Porém, Flores (2013) afirma que cada texto propõe categorias de análise e, ao mesmo tempo, teoriza sobre elas e define seus limites. Nesse sentido, inspirados pela reflexão proposta por Knack (2012) e com o intuito de investigarmos de que forma os estudos enunciativos benvenistianos tratam análises de texto, buscamos, nesta primeira parte, evidenciar, especificamente a partir da releitura de *O aparelho formal da enunciação*, potencialidades teóricas, metodológicas e analíticas específicas para o estudo de textos. Assim como Knack (2012), a opção por esse artigo se deve ao fato de vislumbrarmos nele a abertura da teoria enunciativa a novas possibilidades de análise e a viabilidade de observar a enunciação como ato, com ênfase na

intersubjetividade, e como discurso¹, com ênfase na constituição de referências pelo modo de organização das formas (índices específicos de pessoa, tempo e espaço e demais formas) e dos procedimentos da língua para a produção de sentidos (relação sintagmatização-semantização).

O artigo intitulado *O aparelho formal da enunciação*, publicado na revista *Langages*² em 1970 e republicado em 1974 no segundo volume de *Problemas de linguística geral*, é o único texto que carrega já em seu título a palavra “enunciação” e apresenta várias definições explícitas para o termo. Na tentativa de fazer a distinção entre a descrição linguística amparada no emprego das formas e a descrição baseada no emprego da língua, ele traz esse conceito fundamental à teoria: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006b, p. 82). O emprego das formas, embora essencial na descrição linguística, não se equipara ao emprego da língua. São dois mundos diferentes: enquanto o primeiro diz respeito ao emprego das regras sintáticas, regras de formação, correlações morfológicas, entre outras; o segundo trata de um mecanismo total e constante que afeta a língua inteira, e é sobre o emprego da língua que Benveniste constrói sua reflexão sobre a enunciação.

Ao se referir à enunciação como um *mecanismo total que afeta a língua inteira*, percebemos Benveniste preocupado com uma visão segmentada da língua própria da Linguística da sua época. Segundo Flores (2013), o linguista não concebe os níveis da língua (morfologia, sintaxe, etc.) como separados, mas integrados; e muito menos a enunciação como um nível a mais da análise linguística. “Entende-se, com isso, que ela é um ponto de vista da análise que considera o sentido, que incide em cada um dos níveis separadamente e/ou em inter-relação” (FLORES, 2013, p. 163). Para a compreensão da questão, Benveniste aponta três aspectos principais, entre outros, que podem levar à apreensão dessa concepção de enunciação.

O primeiro aspecto é a realização vocal da língua. Trata-se, como o linguista mesmo afirma, de uma perspectiva pouco desenvolvida no quadro geral da enunciação, ficando tradicionalmente a cargo de estudos linguísticos da área da fonética e fonologia. Benveniste limita-se a afirmar que “os sons emitidos e percebidos [...] procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala” (BENVENISTE, 2006b, p. 82). O segundo aspecto refere-se à semantização, a qual é posta como conversão individual da língua em discurso. Neste aspecto em que a questão é ver como o “sentido” se forma em “palavras”, é importante verificar os “procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram” (BENVENISTE, 2006b, p. 83). É, porém, um terceiro aspecto que é explorado detalhadamente por Benveniste no referido artigo: a enunciação no quadro formal da sua realização, isto é, os “caracteres formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza” (BENVENISTE, 2006b, p. 83). Aqui, passa a fazer parte desse quadro a língua como um todo, e não apenas as formas previstas, tais como os pronomes, verbos, advérbios, entre outros.

¹ A ideia de analisar a enunciação sob o ponto de vista do *ato* e *discurso* advém da dissertação de Knack (2012), que, por sua vez, vale-se da reflexão proposta por Silva (2007) em sua tese de doutorado *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*.

² *Langages*. Paris: Didier-Larousse, 5º ano, n. 17, p. 12-18, mar. 1970.

Na tentativa de apresentar um caminho metodológico para a análise linguística, Benveniste sugere que o linguista deve partir do ato, verificar a situação em que esse ato se apresenta e por fim analisar os instrumentos ou recursos linguísticos para a sua realização: “Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 2006b, p. 83). Em seguida esclarece o que seria o ato a que se refere:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 2006b, p.83-84)

Desse modo, o linguista refere-se à enunciação em relação à língua como um *processo de apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua, enuncia sua posição e imediatamente “implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribui a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um locutário” (BENVENISTE, 2006b, p. 84).

Além do ato, Benveniste (2006b) apresenta a situação como lugar de criação de referência, pois tal fenômeno diz respeito ao modo como a língua se acha empregada para o locutor expressar “certa” relação com o mundo ao necessitar referir pelo discurso para possibilitar ao outro correferir.

Ato, que cria a intersubjetividade, e *situação de discurso*, criadora de referência, estão intimamente ligados aos *instrumentos da enunciação*: índices específicos de pessoa, tempo e espaço, aparelho de funções (intimação, interrogação e asserção) e procedimentos de engendramento de formas.

Conforme o linguista, a posição do locutor é expressa por meio de índices específicos e por procedimentos acessórios: “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro.” (BENVENISTE, 2006b, p. 84). Assim, há uma relação de complementaridade entre os índices específicos e os procedimentos acessórios, pois ambos fazem parte do aparelho formal da enunciação. Os índices específicos referem-se às categorias de pessoa, tempo e espaço; já os procedimentos acessórios dizem respeito à operação de sintagmatização pelo locutor que promove a semantização no discurso, ou seja, ao modo como as formas se organizam para produzirem sentidos. Assim, compreender que tanto os índices específicos quanto os procedimentos acessórios atestam os modos de o locutor se marcar em sua enunciação significa estender o objeto de estudo da enunciação a toda a língua, que participa do processo enunciativo.

Nesse sentido, toda vez que utilizamos a língua para estabelecer relações com os outros e com a realidade, instanciamos-nos, em primeiro lugar, como locutor e ao outro como interlocutor, assim como determinamos o espaço e o tempo. Porém, apenas fazer isso não é o suficiente, uma vez que desejamos, através da enunciação, atuar sobre o outro. É, portanto, com esse objetivo que o locutor coloca em ação os procedimentos acessórios, dispondo de um “aparelho de funções” (BENVENISTE, 2006b, p. 86) que se constitui:

- a) da interrogação: para suscitar uma resposta (conta com formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, sequências, entonação etc.);
- b) da intimação: para ordenar ou fazer um apelo (manifesta-se por categorias tais como vocativo, o imperativo);
- c) da asserção: para comunicar uma certeza (manifestação mais comum da presença do locutor por meio de proposições afirmativas ou negativas);
- d) das modalidades: podem apresentar-se nas formas verbais (modos optativo, subjuntivo) que expressam as atitudes do enunciador acerca do que enuncia (expectativa, desejo, apreensão) e pela fraseologia (formas indicativas de incerteza, possibilidade, indecisão ou recusa deliberada da asserção).

Portanto, com os índices específicos, ocorre a instanciação do quadro da enunciação (*eu-tu-aqui- agora*); já com os procedimentos acessórios, o locutor passa a realizar encadeamentos sintáticos na tentativa de levar o interlocutor a partilhar do seu “mundo”, produzindo diferentes efeitos de sentido. Em outras palavras, os índices específicos estão ligados às categorias de pessoa, tempo e espaço; já os procedimentos acessórios estão ligados à singularidade de combinação das formas que cada análise linguística da enunciação evoca. Assim, conforme Mello (2012), a sintagmatização está a serviço da semantização, uma vez que Benveniste (2006a, p. 232) nos ensina que “[...] indo além das palavras, a ideia deve sofrer a restrição das leis de seu agenciamento”. É na organização das formas que se deve buscar o sentido do discurso.

Para compreendermos melhor o fenômeno, ato ou processo de enunciação, é fundamental trazermos as reflexões de Flores (2010) no artigo “O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística”. Nesse texto, Flores defende que a abordagem linguístico-enunciativa não se limita a um determinado nível da língua, mas perpassa todo o estudo da língua:

a Enunciação não é um *nível de análise*, mas um ponto de vista – o do *sentido* (ideia) – sobre os níveis. A Enunciação é transversal à língua, ela não se encerra em um único compartimento, ela está em todos os níveis. (FLORES, 2010, p. 52).

Assim, qualquer fenômeno linguístico, pertencente a qualquer nível, pode ser estudado dentro de uma perspectiva enunciativa. Essa distinção entre “pensar a língua como uma organização cujos níveis se apresentam como ‘camadas’ sobrepostas e pensá-la como um todo que é atravessado pelas marcas da Enunciação” (FLORES, 2010, p. 52), o autor chama de *transversalidade enunciativa*.

Consideramos que, para uma análise enunciativa de texto, essa noção de *transversalidade enunciativa* é muito pertinente, pois nosso ponto de vista é o da enunciação. Esse ponto de vista deverá incidir sobre a unidade textual e em todos os níveis, nos quais devemos buscar “rastros” deixados pelo locutor que, ao fazer uso da língua, torna-se sujeito. Acreditamos que tais “rastros” podem ser observados por meio de como se apresentam e como se organizam os *índices específicos* e os *procedimentos acessórios*, aos quais Benveniste faz referência no artigo que estudamos aqui. Cabe ressaltar que, embora o nosso objeto seja o ato da enunciação, é no produto da enunciação, ou seja, é no discurso, aqui concebido como texto, o lugar onde encontramos os rastros de quem enuncia para constituir o outro na relação enunciativa.

3. Os deslocamentos da teoria enunciativa de Benveniste para os estudos textuais: abordagens ilustrativas

Na seção anterior, abordamos as possibilidades de um percurso metodológico para análise de fenômenos linguísticos a partir da análise do artigo *O aparelho formal da enunciação*. Nesta segunda parte, daremos continuidade à nossa investigação trazendo alguns estudos com propostas de deslocamentos da teoria de Benveniste para a análise de fatos enunciativos vinculados ao campo dos estudos de texto. Através da exposição desses estudos, perceberemos que é fundamental a proposição de um dispositivo de análise com instâncias teórico-metodológicas definidas. As reflexões sobre os estudos, que envolvem uma dissertação de mestrado e três teses de doutoramento, serão apresentadas em ordem cronológica.

Nossa primeira autora, Naujorks (2011), é uma estudiosa que, de forma original, opera adequadamente deslocamentos, resgatando dos estudos de Émile Benveniste alguns dos principais conceitos que permeiam a sua teoria. Ela reconhece a interdependência entre esses conceitos para, a partir daí, investigar, na sua tese de doutorado *Leitura e Enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem*, como a leitura pode ser vista como uma modalidade de enunciação.

Naujorks (2011) propõe-se a tratar a leitura como um ato enunciativo, como um colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização, no qual o leitor tem o papel de “re-constituir os sentidos postos no enunciado, reconhecer as marcas ali presentes de uma enunciação anterior, e, com isso, constituir seu sentido, deixando marcas de sua presença.” E complementa “Esse leitor (eu), que dialoga com o enunciado (tu), utiliza a língua para se enunciar e desse modo produzir sentido, no caso, a leitura.” (NAUJORKS, 2011, p. 148). Nesse sentido, a fim de comprovar a sua tese, o percurso metodológico de Naujorks (2011) compreende, primeiramente, a noção de subjetividade na linguagem: o locutor-leitor assume o papel de sujeito-leitor, configurando sua presença no discurso. Em segundo lugar, a autora apresenta a noção de forma e sentido ligada à noção de texto, entendido, do ponto de vista enunciativo, como uma relação entre forma e sentido estabelecida pelo locutor. E, por fim, aborda o contexto da leitura, isto é, as marcas do tempo e do espaço da produção de leitura, o que leva a considerar que o ato de leitura remete a uma dada situação espaço-temporal.

A leitura é um processo fundamental para a prática pedagógica e, como tal, é ponto de partida para análises textuais. A leitura é um ato subjetivo e, na prática, deve ser entendida como um ato que implica o sujeito que se apropria da língua para se relacionar com o mundo; portanto é essencial considerar a presença do sujeito nos estudos linguísticos, para que se possa ter uma atividade produtiva de leitura em sala de aula e, conseqüentemente, de compreensão textual. Nessa relação, o ato/processo de leitura é o ato de interpretação, entendido como re-constituição de um sentido. Essa re-constituição não se limita às indicações presentes no texto: é uma apropriação do texto. O leitor, portanto, dialoga com o texto, instaurando referências.

Aos moldes de Naujorks (2011), Mello (2012) também segue os passos do mestre, amplia suas reflexões, opera deslocamentos na abordagem enunciativa de análise de textos e elabora um percurso teórico-metodológico que nos serve de exemplo no tratamento dos conceitos fundantes da teoria benvenistiana. A autora, em sua tese de doutoramento *A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto*,

procura investigar o papel da sintagmatização na produção de sentidos, nos planos analítico e global, os quais serão explicitados em seguida, apresentando uma metodologia de abordagem de textos numa perspectiva enunciativa. A autora deixa claro, portanto, que seu objeto de estudo é a enunciação, na qual o locutor deixa rastros de singularidade, observáveis no enunciado, este concebido como produto da enunciação. Ela traz o conceito de “transversalidade enunciativa” apresentado por Flores (2010), já tratado na primeira seção deste estudo, como pressuposto básico a sua investigação, já que a enunciação atravessa todos os níveis. Dentro dessa concepção, Mello (2012) propõe-se a contemplar na sua análise as três instâncias apresentadas por Benveniste no seu artigo *O aparelho formal da enunciação*, a saber: (1) o ato individual pelo qual o locutor se apropria da língua, instaurando diante de si um alocutário; (2) a situação em que esse ato se realiza, observando como é criada a referência no discurso; e (3) os instrumentos por meio dos quais se realiza esse ato, ou seja, os índices específicos e os procedimentos acessórios de que se vale o locutor na configuração do aparelho formal da enunciação. Para Mello (2012), o ato e as situações pertencem ao plano global, enquanto que os instrumentos de sua realização concernem ao plano analítico. A partir dessa reflexão, a autora elabora cinco princípios sobre os quais pode ser alicerçada uma análise translinguística de textos, já que essa deverá dar conta do plano global, ultrapassando as fronteiras do intralinguístico.

O primeiro princípio refere-se *ao texto como um índice global de subjetividade*. A subjetividade é inerente a todo ato enunciativo e, ainda que o locutor procure omitir sua presença no discurso, por meio das marcas da não pessoa, falando do outro e do mundo, é sob sua perspectiva que ele o faz. Portanto, há sempre um sujeito representado no texto, muitas vezes, por meio das sintagmatizações promovidas pelo locutor ou pela simples imbricação entre forma e sentido.

O segundo princípio – *o texto cria referência* – situa-se no plano global do texto, pois remete ao tempo e espaço em que se realiza o ato enunciativo, ou seja, ao conjunto singular de circunstâncias do qual decorre o texto. A referência é criada no discurso e não é um *a priori*: ela é partilhada pelos interlocutores.

O princípio de que *o texto é produzido na imbricação entre forma e sentido* é o terceiro e também norteou o percurso metodológico adotado por Mello (2012). Neste item, a autora esclarece que uma análise translinguística de textos, embora se erija sobre a semântica da enunciação, não prescinde da forma. Em outras palavras, o semiótico revela-se no semântico.

O texto constitui um modo de ação do locutor sobre o alocutário é o quarto princípio. Nesse item, a autora defende a ideia de que, para Benveniste, o locutor age sobre o alocutário por meio da enunciação.

É pela linguagem – materializada em textos – que os homens se constituem como sujeitos. É por meio de textos que nos dizemos, que dizemos o mundo e o outro e, assim, visamos a influenciar nosso alocutário a aderir a nossa ideia, a comungar conosco nossas alegrias, nossos temores, nossas (in)certezas, nossas concepções, nosso modo de olhar para dentro de nós mesmos e para aquilo que nos cerca. (MELLO, 2012, p. 133)

O quinto princípio de que *uma análise translinguística do texto focaliza a relação entre os planos global e analítico* envolve os demais. À luz desse princípio, a

estudiosa afirma que teve o cuidado de não se restringir somente à relação entre forma e sentido nos planos analíticos, conforme podemos observar em estudos que realizam análises intralinguísticas. Na análise proposta por Mello (2012), ela procurou não perder de vista a relação da sintagmatização promovida no plano global com a semantização decorrente do arranjo sintagmático em diversos níveis.

Observarmos que tanto Naujorks (2011) quanto Mello (2012) elaboram seus percursos metodológicos de análise de fenômenos linguísticos embasadas na teoria enunciativa benvenistiana, especialmente no aparelho formal da enunciação, proposto por Benveniste no artigo de mesmo nome. Publicado pela primeira vez em 1970, esse artigo é considerado pela linguística da enunciação um dos mais importantes textos do linguista, pois apresenta uma ideia global do fenômeno enunciativo e focaliza, mais especificamente, os caracteres linguísticos da enunciação.

Assim como as autoras já apresentadas, Knack (2012), na sua dissertação de mestrado intitulada *Texto e Enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*, também parte da leitura do referido artigo de Benveniste para defender a proposição de uma noção geral para texto, relacionada ao fenômeno geral da enunciação, e noções específicas para texto falado e texto escrito, relacionadas a fenômenos específicos da enunciação.

Primeiramente, a autora propõe-se a investigar, nos escritos de Benveniste³, o uso do termo *texto* para explicitar suas relações com outros termos da teoria, tais como *enunciado*, *discurso*, *instância de discurso* e *frase*. Em seguida, ela chega à conclusão de que,

apesar de não haver, no conjunto dos textos de Émile Benveniste, uma definição explícita para *texto*, há, de forma subjacente às suas reflexões, noções que remetem ao produto do exercício da linguagem, as quais foram articuladas para a proposição das noções de *texto falado* e *texto escrito*. (KNACK, 2012, p. 180)

Tomando como base o artigo *O aparelho formal da enunciação*, a autora observou que Benveniste, ao tratar do aspecto vocal da língua, apontou a existência de um *fenômeno geral da enunciação*, ao qual a autora correlacionou o *texto* de modo geral e desenvolveu uma noção. A esse *fenômeno geral da enunciação*, Knack (2012) correlacionou os *fenômenos específicos*, entendidos por ela como a *enunciação falada* e a *enunciação escrita*, que possibilitaram o desenvolvimento das noções específicas para *texto falado* e *texto escrito*. Segundo a autora, essa necessidade de distinção entre as modalidades de enunciação não representava uma novidade para o linguista, visto que ele próprio, ao longo de seus artigos, foi traçando a distinção entre tais modalidades a partir de três principais pontos de vista: a categoria de pessoa, a categoria de tempo e a categoria de espaço.

Dessa forma, tomando-se a perspectiva teórica de Benveniste como esteio para o tratamento do texto, segundo Knack (2012, p. 181), “alguns *efeitos* são produzidos nesse campo de estudos, na medida em que essa teoria permite olhar o texto para além de um *produto*”, ou seja, sob a enunciação, o texto manifesta as escolhas linguísticas

³Um conjunto de artigos de *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II* foi selecionado pela autora.

que o locutor opera na sua relação enunciativa com a língua. Em suma, o texto pode ser entendido como um processo enunciativo de apropriação e atualização da língua pelo locutor.

Tratar de enunciação é tratar da presença do homem na língua, logo, tratar de texto sob tal perspectiva implica considerar os efeitos advindos dessa presença, posto que o *sujeito* relaciona-se com outros sujeitos – inter-relação permitida e suscitada pela própria língua [...] Logo, todo texto encerra a singularidade que essas relações (inter)subjetivas instauram; estudá-lo requer trazer à luz esse processo único em que cada locutor, a cada vez que coloca a língua em funcionamento por um ato individual de utilização, entrelaça pessoa (*eu-tu*), tempo (*agora*) e espaço (*aqui*) às demais formas da língua para produzir sentidos e referências, agenciando-os e atualizando-os na instância textual, seja falada, seja escrita. (KNACK, 2012, p. 181)

Através da exposição dos estudos das autoras citadas, percebemos que é primordial a proposição de um dispositivo de análise com instâncias teórico-metodológicas que se apresentem como um deslocamento da teoria. Se, por um lado, a teoria enunciativa de Benveniste não nos oferece um instrumento padrão de análise, provocando até mesmo um certo estranhamento e receio em criar uma metodologia própria de análise, por outro lado, abre caminhos e amplia perspectivas, possibilitando a elaboração de um percurso singular de abordagem do objeto, desde que seguindo os princípios fundantes da teoria do mestre. E nos parece que a autora apresentada a seguir também dá conta desse propósito, abordando de forma singular a reflexão de Benveniste que discutimos na seção 1 deste artigo, quando tratamos do texto *O aparelho formal da enunciação*, aliado a outras reflexões como a subjetividade na linguagem, a forma e o sentido na linguagem, e o papel da cultura na abordagem enunciativa.

Cremonese (2014), em sua tese “Um olhar enunciativo sobre a relação entre a leitura e produção textual na universidade”, defende a hipótese de que um trabalho de leitura reflexiva em sala de aula produz mudanças na relação do aluno com seu ato de escrita, fato constatado nos relatos de estudantes de pós-graduação. A autora acredita que os processos envolvidos no discurso devem ser apreendidos por meio de um trabalho profundo com a leitura que englobe a intersubjetividade, a construção da relação forma e sentido, a construção da referência e a cultura, para que, posteriormente, possam ser aplicados aos processos discursivos envolvidos na enunciação escrita dos próprios alunos, ou seja, em seus textos. Para tanto, Cremonese (2014) opera alguns deslocamentos da teoria de Benveniste e elabora instâncias para a análise de seu *corpus*. Antes, porém, nos lembra que cada um dos teóricos ligados à Linguística da Enunciação legitimamente tem uma abordagem diversa do fenômeno enunciativo. Além disso, qualquer investigação que tenha por base a Teoria da Enunciação de Benveniste precisa propor um dispositivo de análise, com base na leitura do mestre e em deslocamentos adequados ao objeto. Essa singularidade nas análises estava claramente prevista na obra de Benveniste e é ressaltada pela autora, conforme vemos a seguir:

Somente é possível, sob a égide benvenistiana, uma análise que, obrigatoriamente partindo das formas linguísticas disponíveis em cada caso, conduza a um entendimento particular, uma análise tão irrepetível quanto a enunciação que a gerou. Há uma necessária associação entre forma e sentido, e não se pode prescindir nem de uma nem de outro. (CREMONESE, 2014, p. 112)

Nesse sentido, Cremonese (2014), primeiramente, trata da instância da intersubjetividade e afirma que “a relação intersubjetiva jamais pode ser desvinculada de qualquer atividade humana, na medida em que a linguagem lhe é sempre subjacente, e esta tem a intersubjetividade por pressuposto, trata-se de uma relação circular” (CREMONESE, 2014, p. 101). Através dessa categoria da intersubjetividade, a autora é capaz de investigar o modo pelo qual o aluno ressignifica sua relação com a escrita, a partir da exploração das instâncias enunciativas produtoras de sentido na leitura de textos que circulam no seu contexto social-acadêmico. Em outras palavras, o estudante aprimora sua escrita devido à reflexão empreendida na leitura de textos de outros e de seus próprios.

Uma segunda instância de análise elaborada é a relação forma-sentido, na qual a leitura e escrita somente podem ser trabalhadas considerando a relação forma-sentido. Essa categoria permite verificar até que ponto a relação intrínseca entre leitura e escrita consegue ser apreendida pelos alunos, de modo que isso os auxilie a ressignificar a sua relação com a linguagem.

A questão da referência inscrita em cada discurso ocupa a terceira instância, e neste ponto a autora acredita que “O aluno universitário constitui-se como sujeito em sua escrita por se relacionar com outras escritas na forma e no sentido, fundando-se na dupla propriedade da língua-discurso, de intersubjetividade e de referência” (CREMONESE, 2014, p. 102)

Por fim, o quarto princípio de análise refere-se à cultura, como parte integrante da linguagem. A autora defende a ideia de que, a partir da exploração das instâncias enunciativas, é possível verificar mudanças na relação do aluno com os valores culturais acerca da escrita.

Percebemos que cada uma das autoras estudadas apresenta sua própria metodologia de análise, embasadas nos estudos enunciativos benvenistianos; porém, cada qual, de forma singular e original, consegue operar deslocamentos, resgatando conceitos e definições basilares da teoria, e reconhecendo a interdependência entre eles. Cabe destacar que os percursos metodológicos de análise empreendidos por elas constituem atos enunciativos e, assim sendo, são singulares e não têm a pretensão de universalidade.

4. Considerações finais

Buscamos com essa reflexão trazer à discussão potencialidades teóricas, metodológicas e analíticas de uma linguística enunciativa, especificamente, da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Nesse sentido, é preciso destacar que os caminhos metodológicos por nós apresentados servem de exemplos e constituem possíveis direções pelas quais o analista pode optar para desvendar esse universo singular que é o texto. Muitos estudiosos já se debruçaram sobre o texto, e deixaram como legado análises consistentes. No entanto, Mello (2012) nos mostra uma carência de estudos de texto sob a perspectiva enunciativa de vertente benvenistiana. Acreditamos que uma das hipóteses para essa carência pode estar vinculada ao fato de não existir um método *a priori* que possa ser empregado como um modelo para estudar um fenômeno linguístico.

Talvez a ideia de que um método pronto e acabado minimize o erro do pesquisador, sendo mais fácil e seguro seguir por caminhos já trilhados antes e, portanto, conhecidos, possa constituir um porto seguro para muitos pesquisadores. O novo, inesperado, pode causar apreensão e uma certa insegurança a qual muitos consideram incompatível com suas análises.

Os exemplos ilustram deslocamentos da teoria de Benveniste que comprovam essa tese da singularidade nos métodos de análise dos fenômenos linguísticos. Por outro lado, ao trazerem aos seus estudos a vertente benvenistiana, parece-nos evidente que há uma ênfase para o artigo em que Benveniste apresenta o aparelho formal da enunciação e elabora, de forma objetiva, uma definição para tal. As quatro autoras adotam os pressupostos teóricos de Benveniste na sua totalidade, mas é na definição de enunciação como um *ato individual de utilização* que as estudiosas encontram esteio para a elaboração dos seus dispositivos de análise. E nos parece óbvia essa escolha comum, uma vez que o conceito de enunciação apresentado por Benveniste aponta justamente para aquilo que devemos procurar investigar, de uma maneira geral, numa análise de textos, ou seja, as noções de (inter)subjetividade, de forma e sentido, e de referência no discurso.

Por fim, acreditamos que a Teoria da Enunciação de Benveniste, ancorada na noção de *(inter)subjetividade* inscrita na língua-discurso, nas relações forma-sentido e referência-correferência como implicadas no processo enunciativo, tem muito a contribuir não somente nas análises de textos, mas sobretudo no desenvolvimento da capacidade discursiva dos alunos, através de uma leitura reflexiva que ressignifique a sua relação com a escrita. Para tanto, faz-se necessário que as reflexões benvenistianas tenham como alocutários não somente os estudiosos da área, mas também professores de língua materna. No momento em que se considera a leitura como um ato de enunciação, conjugando questões enunciativas na análise de um texto, esse não mais será visto apenas como um “depósito” de formas a serem rotuladas morfológica ou sintaticamente, nem somente como um conjunto de ideias apreendidas com base no conhecimento ou na cultura do leitor. A visão enunciativa do texto fará com que o professor oriente seus alunos a olharem, na busca do sentido, para a arquitetura singular de cada texto e para a forma, cada vez inédita, com que o locutor se inscreve no seu texto.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. 2a. ed. Campinas: Pontes, 2006a. p. 220-242.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. 2a.ed. Campinas: Pontes, 2006b.p. 81-90.

CREMONESE, Lia Emília. *Um olhar enunciativo sobre a relação entre leitura e produção textual na Universidade*. 2014. 153f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.

FLORES, Valdir do Nascimento. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística. In: BATTISTI, Elisa; COLLISCHONN, Gisela (Orgs.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: Palotti, 2010, v. 1, p. 45-57.

_____. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

KNACK, Carolina. *Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*. 2012. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.

MELLO, Vera Dentee de. *A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto*. 2012. 145 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.

NAUJORKS, Jane da Costa. *Leitura e enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem*. 2011. 153f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, RS.